



TCHIM TCHIM ERWIN OLAF

A RUINART CONVIDOU O DISRUPTIVO FOTÓGRAFO HOLANDÊS A CRIAR UMA SÉRIE DE IMAGENS QUE TESTEMUNHASSEM O LEGADO DA MAIS ANTIGA FABRICANTE DE CHAMPANHE. A GQ FOI A PARIS FALAR COM OLAF E DESCOBRIU MUITO MAIS DO QUE UMA COLABORAÇÃO.

Por SARA ANDRADE.

Não é a primeira vez que a Ruinart se associa às artes. Conhecida por aliar-se à Art Basel e estabelecer parcerias irreverentes, o nome mais recente com o qual colaborou trouxe uma visão quase documental às caves da casa francesa, localizadas em Reims. Erwin Olaf, por sua vez, encontrou na parceria um novo tipo de imagem para o seu *curriculum*: o fotógrafo, que, no final dos anos 70, começou por estudar Jornalismo, é reconhecido pela versatilidade com que equilibra editoriais com campanhas e pela sua estética fotográfica que tem um quê de pintura e de ilustração. Com um ponto de vista muito diferente do seu habitual portefólio controverso, mas com o mesmo ponto de partida intuitivo, Olaf foi convidado a interpretar um cartaz que Alphonse Mucha pintou para a Ruinart em 1896. O resultado não podia ter sido mais distante.

Como foi passar daquele cartaz original do Mucha para estas imagens finais?

Na verdade, temos de pensar nisto ao contrário. O cartaz veio depois. Trabalhar para uma marca significa, na maior parte das vezes, publicidade, mas, aqui, era diferente: era arte e era a minha obra e o meu ponto de vista. Por isso, comecei de uma forma algo complicada, que envolveu cenários e iluminação, mas não estava a sentir que fosse o rumo certo. Estávamos na cave com modelos, roupas, cabelos, maquilhagem,

dez pessoas atrás da câmara... E estava a fazer algo de que, pessoalmente, não estava a gostar. Por isso, fui dar uma volta pelas caves da Ruinart, para libertar-me da pressão daquela multidão que parecia considerar que algo de épico se passava de cada vez que fazia um clique para uma fotografia. E enquanto passeava pelos oito quilómetros de corredores, fui descobrindo que a natureza tinha tratado de conferir personalidade às paredes, através da humidade, dos fungos, da erosão, havia texturas e padrões. E eu percebi: é isto que procuro. Percebi que não precisava de 20 pessoas nos bastidores. E voltei com um assistente, e uma lâmpada, e a câmara. Para mim, foi um alívio, porque finalmente estava satisfeito com o rumo.

É muito diferente do seu trabalho. É algo que gostaria de repetir?

Sem dúvida. Tenho-me dedicado a um projeto pessoal no último ano que tem a ver com o corpo humano. E, desta vez, optei por usar um assistente, uma lâmpada, um cenário simples, o que já é uma influência direta do trabalho que fiz para a Ruinart.

Muitos falam sobre o seu trabalho, mas, como o descreve o próprio Erwin Olaf?

Eu uso a fotografia como técnica, mas gosto mesmo é do *storytelling*. E gosto da câmara, gosto do clique. É o meu lápis. É o



Ao lado, retrato de Erwin Olaf por Gabriel Tamez para a *GQ Portugal*. Em baixo, da esquerda para a direita, *Royal Blood* (2000); *The Ice Cream Parlor*, da série *Rain*, (2004); campanha para a Bottega Veneta, outono/inverno 2012/13 (2012); *Female nude No. 05*, da série *Skin Deep* (2015).

ERWIN OLAF, CORTESIA GALERIA ESPACIO MINIMO.



Erwin Olaf fotografa com uma câmara Hasselblad 503CX, com uma *digital back*, e contou à *GQ* que, na fotografia, quer "sempre explorar novas técnicas e combiná-las com uma espécie de diálogo com "os poucos", a minoria", sendo que nos trabalhos comissionados, aceita os que lhe dão liberdade criativa suficiente. Como a Ruinar, sublinha, e uma campanha que fez com a Bottega venete há três anos, indicou.

A série com 26 imagens de Olaf para a Ruinar inaugurou no Carroussel du Louvre, em Paris, e estará em digressão por diversas feiras de arte mundiais, nomeadamente a Art Basel. Descubra o roteiro em Ruinar.com



meu ponto de vista, mas pode ser o ponto de vista de qualquer pessoa, também.

Por falar em clique: analógico ou digital?

Até 2007, usei exclusivamente câmaras analógicas, ainda que, no final dos anos 90, tivesse que começar a usar Photoshop, por causa das campanhas publicitárias. E apaixonei-me pelo Photoshop! Hoje em dia, eu gosto da fotografia digital, acho que a ideia do analógico é só algo de romântico.

Apaixonou-se pelo Photoshop. Essa não é uma daquelas frases proibidas para um fotógrafo?

Eu sei, mas isso é treta! O Photoshop dá-te a oportunidade de tornar romântico algo que não está lá. Sei que é uma ferramenta mal vista, mas isso é porque, ao longo de 20 anos, foi usada em exagero. No meu caso, em séries como a *Paradise*, por exemplo, eu precisava de algo do género. Tinha de ir ao limite para perceber o que podia fazer com esta técnica. Aliás, uma boa iluminação também "limpa" algumas imperfeições. Isso é considerado fotografia real? Porquê? Se eu quero realidade, olho pela janela. Eu gosto de criar um mundo de sonho. Por exemplo, o preto-e-branco, eu gosto muito de usar, aumento o contraste, a luz, sem manipulação. Mas a maior manipulação antes do Photoshop era o preto-e-branco. Irá sempre haver manipulação. E as pessoas querem manipulação. É esse o poder da

fotografia. As pessoas querem um mundo de sonho. Pelo menos, eu quero. Ainda que eu ache que a distância entre o sonho e a realidade, hoje em dia, não possa ser abismal.

O que o inspira?

O sofá, a *reality TV*, o estar sentado num aeroporto, quando o avião está atrasado, observando as pessoas, se estão a discutir, apaixonadas... Tudo pode desencadear uma inspiração. Os museus, como o Prado ou o Louvre, com obras que são distantes de mim como fotógrafo. Por exemplo, a série *Paradise*, que tem palhaços a perseguir mulheres nuas, é inspirada num quadro de Rubens, em que mulheres estão a ser perseguidas por demónios... Por falar nisso, porque é que, no mundo da arte, os homens estão sempre a perseguir mulheres e porque é que elas estão sempre nuas? Acho que estão sempre com calor.

E se fizesse uma produção para a *GQ Portugal*, o que faria?

Gostaria de colocar o foco num grupo de pessoas que nunca têm atenção e integrá-las num editorial de moda. Gostava de fotografar uma série com crianças e adolescentes albinos, que sofrem perseguição na Tanzânia - são-lhes cortados membros, braços e mãos... Li sobre isso e fiquei chocado. E gostava de pegar no tema e dar-lhe um toque de reportagem fotográfica com enfoque na moda.●